

# Polêmica não é novidade

**F**estival sem polêmica não é festival. Para os adeptos dessa política, o Festival de Cinema de Brasília deste ano já começa em alta cotação. Nomeada para escolher seis filmes de longa-metragem entre os 13 que viu, a comissão de seleção deste ano listou apenas cinco longas para a mostra competitiva. “Os demais não apresentam o nível técnico esperado”, alegaram. Como o regulamento previa seis longas, a Fundação Cultural não perdeu tempo. Convocou uma nova comissão para escolher o sexto título.

Da repescagem, foi escolhido *Matou a Família e Foi ao Cinema*, de Neville d'Almeida, refilmagem do antológico filme de Julio Bressané, que botou a censura em polvorosa no início dos anos 70. A censura, pelo que se tem notícia, não vai mais ao cinema. Mas, no entender de Neville, ainda bloqueia a livre expressão artística. Ao tomar conhecimento dos boatos de que teria feito um forte lobby para que seu filme fosse o sexto escolhido, Neville pôs a boca no mundo: “Houve lobby sim, mas no sentido de excluir meu filme. Houve censura moral e estética por parte de pessoas que não estão aptas para julgar uma obra de arte”.

Decisões no tapetão, polêmicas e mal-entendidos, é bom que se diga, não são novidades em festivais de cinema. A produtora Mariza Leão lembra, por exemplo, de uma ocasião em que o júri do Festival de Gramado escolheu um filme como o melhor e, na hora de anunciar, outro título levou o caneco. “Pelo menos o cheque com o prêmio em dinheiro saiu para o filme certo”, conta Mariza, que fez questão de não dar nome aos bois. Fica o mistério.

Assunção Hernandez diz que assuntos dessa natureza são para esquentar o festival. Já vi inúmeras histórias de filmes rejeitados em festivais que depois acabam dando a volta por cima”. A própria Assunção diz já ter protagonizado uma história dessas: “O Homem Que Virou Suco, do qual assinei a produção, só levou um prêmio de roteiro em Gramado e dividiu um prêmio de ator. Passou despercebido, mas semanas depois foi aclamado em Moscou. Quando eu voltei ao País com o filme de baixo do braço, parecia que tinha acontecido uma revolução. Foram três meses de entrevistas ininterruptas na imprensa”.

Outro caso do mesmo gênero aconteceu com o filme *Dona Flor e Seus Dois Maridos*. Luiz Carlos Barreto, produtor do filme, lembra que em Gramado só faturou o prêmio de direção, ficando os louros de melhor filme para *À Flor da Pele*, de Francisco Ramalho. Hoje, depois do enorme sucesso comercial de *Dona Flor*, um filme



**Dona Flor: sucesso comercial desprezado pelo júri**

que já circulou pelo mundo inteiro e inclusive serviu de cartão de apresentação para a atriz Sônia Braga no início de sua carreira nos Estados Unidos, Barreto não tem pudores: “Acho que até o Ramalho ficou surpreso. Sônia Braga e José Wilker não receberam sequer uma menção”. O produtor, no entanto, reconhece: “Isso é folclore de festival. O importante é que neste caso de Brasília, tanto o festival quanto o Neville são muito mais importantes do que o episódio”.